

AS FORMAS DE COMPREENSÃO DE FRONTEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE TABATINGA – AM

THE FORMS OF BORDER UNDERSTANDING IN FUNDAMENTAL EDUCATION IN THE CITY OF TABATINGA - AM

Wendell Teles de Lima¹, Ana Maria Libório Oliveira², Marcos Mendonça Dantas³

¹Doutor em Geografia, Universidade do Estado do Amazonas (CSTB – UEA). E-mail: wendelltelesdelima@gmail.com

²Mestre em Natureza Cultura, Instituto Federal do Paraná (IFPR – Foz do Iguaçu). E-mail: analiborio@gmail.com,

³Mestre em Economia, Universidade do Estado do Amazonas (CSTB – UEA).

RESUMO

A formação dos Estados Nacionais é parte integrante da Sociedade Moderna que tem como fruto social a burguesia. Foi necessário um conjunto de fatores para seu estabelecimento e aceitação de uma nova organização social estabelecida à luz do pensamento burguês, ou seja, o que estava em jogo era uma nova forma de construção do espaço geográfico, as ideologias geográficas foram estabelecidas, nesse sentido, para a propagação das ideias burguesas e dos Estados Nacionais como entidades únicas de compreensão e de organização espacial foi importante à institucionalização de várias diretrizes, nessa perspectiva, temos o surgimento da ciência geográfica no Século XIX, o estabelecimento de cátedras e por sua vez o aparecimento da Geografia Escolar. A fronteira aparece como elemento primordial na constituição do território nacional e sua ideologização far-se-á por elementos instituídos pela prática escolar através das práticas em sala de aula que tem como transmissor o livro didático.

Palavras-chave: Análise; Fronteira; Livros Didáticos.

ABSTRACT

The formation of the National States is an integral part of the Modern Society whose social fruit is the bourgeoisie. It was necessary a set of factors for its establishment and acceptance of a new social organization established in the light of bourgeois thought, that is, what was at stake was a new form of construction of the geographical space, the geographic ideologies were established in this sense, The propagation of bourgeois ideas and National States as unique entities of understanding and spatial organization was important to the institutionalization of several guidelines, in this perspective we have the emergence of geographical science in the nineteenth century, the establishment of chairs and in turn the emergence of Geography School The frontier appears as a primordial element in the constitution of the national territory and its ideologization will be made by elements instituted by the school practice through practices in the classroom that has as transmitter the textbook.

Key words: Analysis, Border, Didactic Books.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da análise crítica geográfica na construção da concepção de fronteira, uma leitura crítica se faz necessária desse elemento que é parte constituinte dos conteúdos de geografia do ensino fundamental, para isso empregou-se o uso de

questionários e acompanhamento em sala de aula sobre os temas trabalhados e relacionados à fronteira analisando os conteúdos e formas a que são apresentadas como as concepções de professores e alunos.

A escolha do tema é função de que esse espaço é estratégico para os Estados-Nacionais sendo parte do corpo da pátria sendo constituinte das *ideologias geográficas* que continuam vigentes e transmitidas na formação dos territórios e seus habitantes, tendo sua origem nos Estados Modernos e sua implantação pelo mundo.

Lacoste (1988) desvenda em seu livro¹ o caráter estratégico geográfico da importância do espaço e de sua leitura na interpretação dos fatos teve em sua concepção uma leitura naturalizada através da geografia do ensino vinculada a construção e estabelecimento das fronteiras dos Estados-Modernos. A homogeneidade dos fatos diante da diversidade de territorialidades existentes, esconde os verdadeiros ideários do Estado diante de seus interesses na produção do espaço e seu caráter geopolítico.

O movimento de “renovação” nos anos de 1960 e 1970 do temário geográfico através da crítica por partes de muitos geógrafos através das práticas e conteúdos explanados em sala de aula. A contribuição dos professores foi fundamental para o desenvolvimento dessa criticidade, apesar de serem batizados de forma muitas vezes duras e radical como reprodutores da ideologias do Estado no início, no entanto, o movimento em direção a Geografia Crítica deu-se através desses instrutores partindo em direção às universidades.

O que se observa, referente à interpretação da fronteira nos livros didáticos mesmo com o movimento de renovação ela ainda abordada de forma secundária sendo um elemento complementar seu uma análise devida, outra visão é, a de que é apenas um elemento delimitador dos território chegando a ser reduzida e comparada aos limites territoriais.

Nessa perspectiva de renovação e ao mesmo tempo da tradição que identificamos em alguns livros e na forma de explanação de seus conteúdos é que buscamos inserir a análise da fronteira no livro didático, a escolha desse tema não foi aleatória, partimos da análise do espaço geográfico de vivência de nós mesmos como da própria realidade de professores e alunos que tem como finalidade e meta entender e compreender o espaço geográfico de vivência de cada um dos atores tendo seu relacionamento entre teoria e prática.

2. ENTENDENDO O PROCESSO DO ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo de ensino e aprendizagem tem como mediação o professor e aluno, tendo como objetivo à construção do conhecimento que são partes constituintes do processo do conhecimento. O processo de construção é mútuo, professor e aluno agem ativamente dentro da construção do ensino, o aluno não é um quadro branco, as vivências de suas geografias devem fazer parte constituinte desse processo.

Como demonstra Libâneo (1995):

Compreender a situação de ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É construtivista porque o aluno constrói, elabora seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com ajuda do professor (p.6).

Ao refletir nessa questão Libâneo (1995), nos direciona para uma atitude socioconstrutivista do ensino. O professor é agente do conhecimento agindo ativamente leva o aluno ao objeto de forma contextualizada. Portanto, o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, e nem o aluno é apenas um absorvedor de informações, esse pensamento ocorre na educação e produtivista ou bancária onde o professor fica no pedestal e o aluno é passivo, não sendo parte constituinte do processo de ensino e aprendizagem. O Aluno trás uma bagagem de conhecimento que deve ser trabalhada no processo de construção adiante na produção do conhecimento a ser feito por ele.

¹ Geografia Serve, Antes de Mais Nada, para Fazer a Guerra (1988),

Os conceitos científicos devem ser trabalhados aos alunos somados a vivência, ou seja, o conhecimento prévio que cada aluno trás dentro de si, suas geografias devem ser levadas em consideração já que fazem parte do processo de construção espacial, tendo em vista, as categorias científicas formadoras de cada ciência daí a necessidade de formação e conhecimento dos professores a respeito desses elementos.

O processo interacionista parte constituinte do processo de construção do conhecimento. O conhecimento da realidade social é um dos pontos fundamentais nesse sentido, a simbologia é um dado construtivista que se estabelece dentro do processo de entendimento da interação homem com o mundo.

Pensando no processo interacionista a metodologia em geografia deve ter como base a junção teoria e prática, é a partir desse processo construtivista que é dada a sua importância para analisar o entendimento do meio (já que parte do princípio de que a interação dos fenômenos e basilar na interpretação dos fenômenos).

É nessa concepção que a vivência² ganha uma importância junto com os conteúdos institucionalizados. A importância dessas duas categorias e forma de trabalho é dada entre ambas, às relações de reciprocidades é constante na construção dos conceitos ocorrem dessa interação.

3. A GEOGRAFIA DO ENSINO DO SÉCULO XXI

O momento do estabelecimento de uma nova educação perpassa pelas necessidades de entendimento do mundo, novas questões como a preocupação ecológica, questão do gênero, conhecimento tradicional são questões que regem o novo paradigma educacional que recaem sobre o ensino de geografia. Na academia temos a institucionalização de algumas questões nesse sentido como o humanismo, religiosidade, vivência a subjetividade todos fazendo parte de uma interpretação voltada para o espaço.

A educação bancária, ou seja, o modelo estabelecido ainda no modo de organização de produção baseado no fordismo/taylorismo não servem mais como base de explicação para o entendimento do mundo atual, os modelos reprodutivistas não são críticos e nem criativos, não admitem pela sua própria forma de enrijecimento atuar de forma crítica na explicação de novos problemas. Os velhos manuais geográficos de ensino são chamados a renova-se em função de uma nova organização do mundo.

Na história da geografia esse momento pode ser contextualizado na seguinte forma: quando a disciplina foi sistematizada ela estava ligada ao imperialismo, os países europeus como a Alemanha e a França tinham interesses expansionistas, portanto, a geografia era condicionada pelo interesse dos Estados-maiores a máxima de Lacoste (1988) demonstra que a geografia institucionalizada no Século XIX tinha como caráter os interesses das políticas dos Estados europeus, o processo ideológico ocorre quando ao mesmo tempo é criada a Geografia dos Professores, essa ciência, portanto, e sua forma de entendimento prestava-se a uma determina finalidade.

A geografia das fronteiras era vista como algo que deve ser compreendida como algo naturalizado, o espaço homogêneo e o Estado é visto como um único produtor, existente resultando na mobilidade de fronteiras sendo estas indefinidas em países subordinados ao primeiro momento nos impérios, não se leva em consideração as territorialidades existentes antes a construção dos Estados e fronteiras são estabelecidas. É nos de 1970 que esse perfil ganha novos contornos.

É instalada uma Geografia combativa, participativa e vivenciada, portanto, questões relacionadas à Geografia das Fronteiras são atingidas em cheio nessa nova forma de pensar o espaço para além da luz dos Estados Nacionais resultando em novas concepções do significado de espaço e recaindo, sobretudo, na academia.

² Vivência entendida de forma critica não concebida como um elemento natural existente num espaço não apenas receptáculo de objetos e de ações naturalizadas.

O desenvolvimento da informação atual, sobre as técnicas e a convergência dos momentos resultam e uma nova forma de pensar e ensinar geografia recaindo em pensar as interações fronteiriças o que parece que não foi ainda captada para a análise desse espaço nos livros didáticos.

Nesse sentido, buscou compreender como esse fato ocorre no ensino de geografia na cidade de Tabatinga tendo em vista que um espaço fronteiro composto por Brasil, Colômbia e Peru localizado no noroeste do país.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançarmos nossos objetivos o trabalho foi executado nas Escolas Públicas de Tabatinga, Escola Municipal Jociêdes Andrade, Escolas Estaduais Marechal Rondon e Conceição Xavier de Alencar (GM3), nas séries do ensino fundamental 7º e 8º ano, escolhidas de forma aleatória.

As séries escolhidas foram estabelecidas devido aos conteúdos nelas trabalhadas questões referentes à fronteira como no 7º ano, na qual são trabalhados conteúdos de geografia do Brasil, 8º ano onde os conteúdos abordados são Geografia do mundo subdesenvolvido.

A pesquisa foi feita entre alunos e professores sobre práticas, conhecimentos e métodos utilizados e o estudo e concepções trabalhados em sala de aula e vivência espacial de alunos e professores tendo a tríplice fronteira como contexto, tendo como observação questionários fechados.

No total de quatro, sendo distribuídos aleatoriamente, entre professores no total de quatro alunos 28 questionários em cada série, portanto, nosso trabalho refere-se a uma amostragem.

Na análise dos conteúdos tivemos algumas políticas norteadores trabalhados em sala de aula como: a concepção de fronteira, formas do entendimento do que é a fronteira como espaço de vivência, perspectiva de análise da fronteira.

O primeiro ponto ocorreu na busca dos livros didáticos, foi dada preferência aos livros utilizados na rede pública do município como também livros de apoios e paradidáticos.

Questionários foram aplicados na identificação do que professores e alunos entendem por fronteira e sua formação, o terceiro ponto identificar a formação e a linha de corrente geográfica de qual o autor do livro trabalha, o quarto momento foi o relacionamento da formação concepção de fronteira dentro do entendimento das Ideologias Geográficas, e dos professores e alunos como é trabalhado essa concepção em sala de aula e como é entendida.

Na perspectiva de professores e alunos, a concepção de construção espacial e ideias que permeiam esses espaços se fazem presente em seu dia-a-dia é fundamental para o entendimento tendo como ponto de análise e crítica o próprio espaço de vivência.

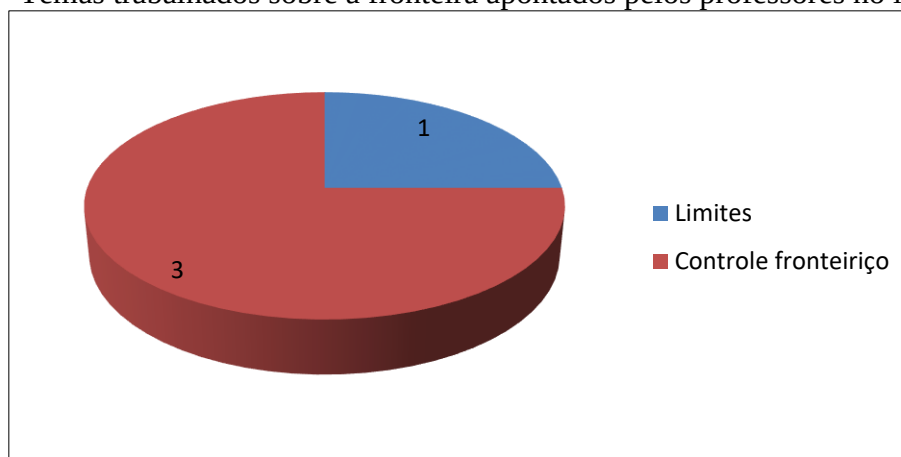
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De maneira geral nos livros didáticos temos os seguintes diagnósticos. Os temas relacionados à fronteira são abordados na seguinte forma conforme acima mencionado: Fronteira (tema preponderante na citação dos livros didáticos) e seu estabelecimento político, relacionando esse espaço geográfico à parte constituinte do território nacional, tendo uma perspectiva estatal e territorial estabelecida na visão de integração territorial, ou seja, parte componente do território nacional.

O Limite é concebido como a linha imaginária tendo como ponto de encontro e marcos territoriais que estabelecem áreas territoriais de cada unidade administrativa: país (em nosso caso da análise) estado, municípios, distritos, comunidades e outros.

Outro tema com a mesma proporção dos limites apresentados pelos professores foi o tema controle fronteiro. Este tema trabalhado em relação ao controle visto de pessoas, saída estabelecida e concebida pelo Estado Nacional, os acordos bilaterais ou outras formulações como acordos econômicos, políticos que facilitam o trânsito na fronteira de pessoas muitas vezes esquecidas pelas análises.

Gráfico 1 - Temas trabalhados sobre a fronteira apontados pelos professores no livro didático



Fonte: O próprio autor.

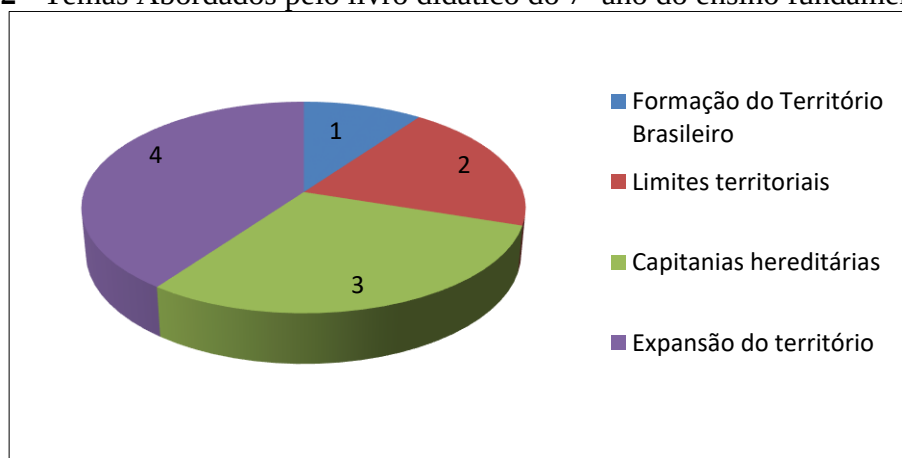
5.1 Utilização de outros livros pelos professores em sala de aula

Foi observado que os professores utilizam outros livros didáticos, esse fato é relacionado à complementação do assunto que não é abordado de forma clara, detalhada, tendo os conteúdos de forma reduzida, os livros são dos próprios professores, foi observado que alguns livros didáticos seguem uma linha geográfica diferenciada, ou seja, partindo de uma corrente oposta do livro adotado em sala de aula e utilizado na escola.

Os livros paradidáticos que se especializam em vários assuntos e servem como complemento não são utilizados pelo fato de não terem relacionamento com o tema na visão dos professores, entretanto, uma consulta na biblioteca analisamos a presença desses manuais, foi detectado através da disposição de temas relacionados a conflitos políticos e étnicos, por exemplo, que podem ser trabalhado na perspectiva da fronteira.

Outros recursos utilizados poderiam ser relacionados a revistas e jornais, onde são fontes importantes de consultas atuais e confrontos com os livros didáticos podendo ser muito rico a utilização do tratamento a respeito de questões relacionado à fronteira.

Gráfico 2 - Temas Abordados pelo livro didático do 7º ano do ensino fundamental

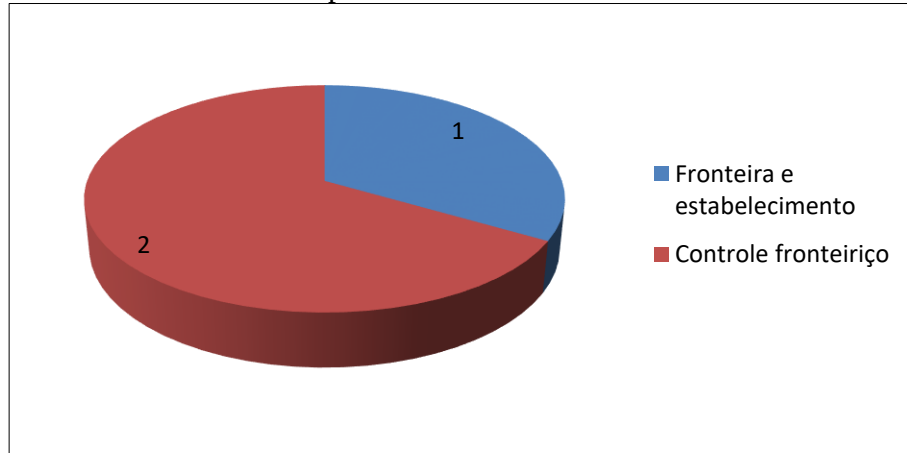


Fonte: O próprio autor

O livro analisado é do 7º ano do Projeto Araribo, organizado pela Editora Moderna de autoria de Sonia Cunha de Souza Danelli. É percebido que os temas estão inter-relacionados com o tema da

zona de fronteira numa perspectiva da formação do território brasileiro baseado no processo de colonização e incorporação de terras, demonstra-se a evolução dos limites diante do “crescimento territorial” através da expansão e adestramento do território. Observa-se uma visão positivista do fato, ou seja, estabelecendo uma comparação entre a ação colonizadora e republicana com o progresso do território através de um viés evolucionista e pouco contextualizado, sendo uma visão da ação do processo de colonização no primeiro sentido e depois continuado pelo processo do Estado-brasileiro.

Gráfico 3 - Temas abordados pelo livro didático do 8º ano do ensino fundamental

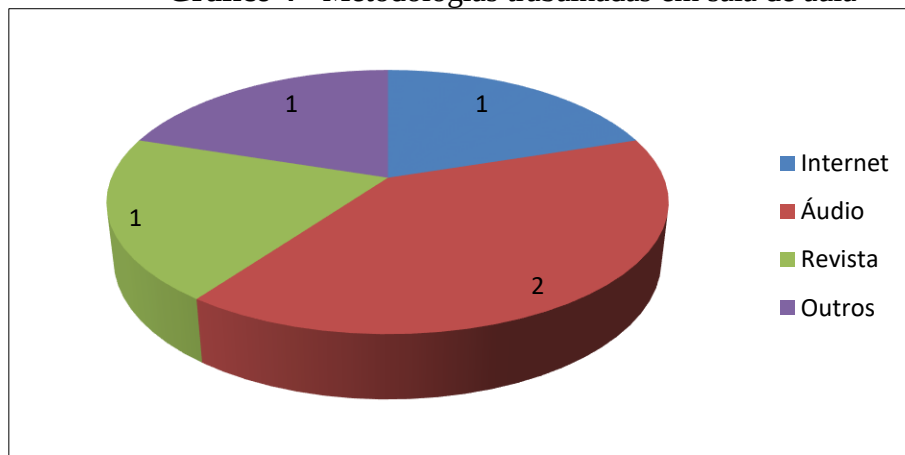


Fonte: O próprio autor

Livro do 8º Ano, Geografia Crítica autores José William Vesentini e Vânia Vlach. Editora Ática. O livro analisa a constituição da fronteira do México e Estados Unidos demonstrando a ação política dos Estados Unidos através de guerras, compras e incorporações, demonstra o México foi o grande perdedor territorial em detrimento do crescimento e dos planos hegemônicos dos Estados Unidos.

Uma leitura crítica é feita do processo do aumento e da grande extensão territorial norte-americana em detrimento acima de tudo dos mexicanos, os atores tem uma formação no ensino de geografia dentro da linha da geografia crítica ocorrida em 1970. Vesentini é um dos grandes inovadores de uma nova forma de abordagem nos livros didáticos. Metodologias trabalhadas em sala de aula.

Gráfico 4 - Metodologias trabalhadas em sala de aula



Fonte: O próprio autor

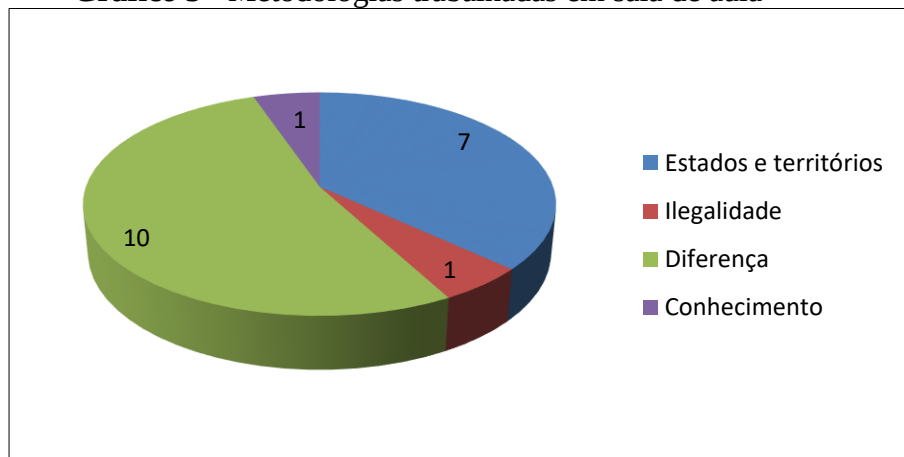
Nas metodologias utilizadas podemos verificar uma proporção, ou seja, um equilíbrio entre metodologias utilizadas para a exploração do tema além do livro didático. A internet é um importante recurso uma fonte importante de informação utilizada pelos professores, tendo uma diversificação de sites sendo buscados como: jornais, revistas, youtube, dowlowds em geral. O áudio é um dos elementos esclarecedores para alguns professores tendo a importância de aprofundamento do assunto ensinado. Revistas têm a função de “mostrar” os temas que constituem as fronteiras, é importante atentarmos nesse caso sobre temas relacionados à visão de quem está fora da fronteira.

5.2 Conteúdos que faltam na abordagem do tema

Um dos temas observados que faltam para abordagem da fronteira é as relações fronteiriças abordadas, a aproximação com países limítrofes é parte dessa necessidade, como a vivência do outro lado da fronteira, experiências e sensações e eventos em geral são partes que constituem o espaço de vivência de cada um de nós, nenhum tema relacionado à fronteira foi apontado pela outra metade dos entrevistados, fica então entendido que os professores repassam somente os conteúdos do livro didático por alguns motivos, falta de tempo na preparação da aula, pouco estímulo devido acima de tudo as questões salariais, desinteresse do próprio professor em sala de aula, grande quantidade de turmas onde o professor também pode lecionar inúmeras outras disciplinas não sendo somente a geografia.

A fronteira para os alunos É muito rica a análise da fronteira feita pelos alunos, dando ênfase a vários aspectos do cotidiano, percebendo que as ações de controle e políticas territoriais voltadas para essas áreas, estes temas podem ser trabalhados de maneira crítica e complementar referente ao tema.

Gráfico 5 - Metodologias trabalhadas em sala de aula



Fonte: O próprio autor

O assunto dos livros didáticos relacionados a temas a concepção de limite e fronteira preponderam nas aulas como temas estudados à questão de fronteira acima de tudo numa perspectiva nacionalista a respeito do limite e da própria concepção do espaço transfronteiriço, o espaço de vivência também foi abordado como os alunos algo importante como notamos, podendo ser bastante útil para trabalhar essa temática já que existi um espaço rico de vivencia dos alunos, o processo de colonização é fundamental para trabalha-se a tolerância étnica e aproximação territorial dos laços subjetivos entre as diferentes nacionalidades que se encontram na floresta e que são partes componentes desse espaço geográfico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático é uma das ferramentas a ser utilizado em sala de aula, portanto, deve fazer parte da metodologia para o desenvolvimento de qualquer conhecimento, para melhorar a utilização do recurso é necessário o empenho e planejamento dos professores em sala de aula no desenvolvimento dos assuntos a serem ministrados. A utilização de livros paralelos que contratem a realidade colocada pelo livro utilizada demonstrando outros pontos de vistas e formas a serem trabalhadas, o trabalho de campo é fundamental para concretizar qualquer tipo de conceito, a fronteira em nosso caso do estudo pode ser trabalhada de forma integrada do ponto de vista teórico e prático para o entendimento dos alunos chegarem a suas próprias conclusões a respeito do que e falado desse espaço.

Fica claro, em nossa análise a percepção do espaço geográfico dos alunos, ou seja, a fronteira dando diferentes conotações, fazendo inúmeras observações, esses dados são importantes na utilização em sala de aula, isso faz os alunos interagirem em sala de aula, são realidades vividas e próximas e percebidas dos alunos o que estimula ao debate e reflexão e construção do conhecimento.

Existe um leque de temas que deve ser trabalhado de forma conjunta partindo do principio de analise da fronteira como: migração, econômica, política, movimentos sociais, cultura, relações diplomáticas entre outros que podem e devem ser explorados de forma conjunto tendo em vista o espaço geográfico de vivencia dos alunos o que torna os conteúdos muito interessantes e contextualizados.

7. REFERÊNCIAS

LACOSTE, Y. S. **Geografia Serve, Antes de Mais Nada, para Fazer a Guerra**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1988.

LIBÂNEO, José C. **“Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente – estudo introdutório sobre pedagogia e didática”**, tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 1990.

VESENTINI, J. W. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Editora do Autor, 2008.

SENE, Eustáquio de. **Globalização espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2003.